



APRESENTAÇÃO

MEMÓRIA: UM LUGAR OU UMA UTOPIA?

Neste número de *Trama Interdisciplinar*, para o qual fui gentilmente convidada pelas professoras Marcia Tiburi e Cristina Susigan como editora, foi escolhido o tema da memória. A elas, bem como a Marcos Rizolli, devo o meu agradecimento pela gentileza e pela oportunidade que me deram de participar neste número.

Naturalmente, procurámos dar espaço a textos que se pudessem integrar num amplo espectro e que albergassem as mais diversas áreas do conhecimento e, consequentemente, da reflexão sobre este tema. Se o tema da memória se constituiu, desde o seu início, como um terreno privilegiado da história, ela não é menos importante para outras áreas do pensamento, como a filosofia, as artes, o cinema, a literatura, passando ainda pela sociologia e pela psicologia. Ainda que a história tivesse operado e integrado o conceito da memória como uma das suas noções fundamentais, a psicanálise (com Freud e Jung) veio reforçar a importância do seu estudo e conferir-lhe uma importância inédita no início do século XX, transformando-a no conceito operatório do pensamento filosófico, literário e artístico por excelência.

São, assim, tantas as suas várias ramificações quanto a contaminação dos vários domínios do saber e das várias disciplinas, tendo-se transformado num dos objectos fundamentais de análise, ao longo de todo o século XX. Sem querer ser exaustiva, relembro aqui não só as reflexões de Henri Bergson, em *Matière et mémoire*, como o conceito de *mémoire involontaire* do romancista Marcel Proust, na sua obra *En recherche du temps perdu*, Walter Benjamin e o seu conceito de *rememoração* (*Eingedenken*). É essencialmente neste contexto que podemos reconhecer o contributo dos textos de autores como Maria do Céu Diel Oliveira – “A arte da memória e as máquinas para lembrar” –, em que a autora parte da análise da obra de Mary Carruthers para reflectir sobre o papel da aprendizagem a partir da memória. Manoel Gustavo de Souza Neto e Maria João Cantinho, em “Do inconsciente ótico ao inconsciente histórico: imagem e fotografia na teoria da história de Walter Benjamin”, abordam a concepção benjaminiana da nova forma de percepção e reflectem sobre o modo de recepção do homem moderno, a partir da teoria freudiana do choque e da repercussão das suas consequências para a arte. O texto de Manuela Sampaio de Mattos vai na mesma direcção, pois aborda a questão de uma ética da memória como modo de pensar a construção da história, a partir da obra de Walter Benjamin *Passagens*. O contributo de Ana Raquel Lourenço Fernandes também pode ser enquadrado nesta área interdisciplinar, e a autora analisa, no seu texto, o papel da rememoração como o eixo crucial do filme *Le temps retrouvé*, do cineasta Raoul Ruiz.

Posso ainda referir o meu próprio texto, "A teia de Penélope e o anel da tradição: cultura e rememoração na obra de Walter Benjamin", onde me ocupo da questão da articulação entre a ideia da rememoração e a tradição, do ponto de vista benjaminiano, e a forma como a ideia da tradição implodiu na era da modernidade, do ponto de vista de Benjamin.

Também aqui cabe uma análise do modo como a ideia central da memória foi aplicada aos conceitos da iconografia de Aby Warburg, nomeadamente o de *Imagem sobrevivente* (*Nachleben*), o que vem relançar o debate sobre a importância da literacia visual e compreensão da vida e da história das imagens. Aparece aqui, então, uma outra componente, que se desdobra a partir daquela: a relação da imagem com a própria história e também o modo como a memória sobrevive nas imagens, do ponto de vista warburgiano. Neste âmbito, destacamos o contributo do professor e pesquisador belga Stéphane Massonet, estabelecendo convergências e afinidades entre autores como Walter Benjamin, Roger Caillois e Aby Warburg, e a excelente tradução de um texto de Detlev Schöttker, da autoria de Susana Kampff Lages, em que o autor aborda a forma como a memória se inscreve na arte, tomando o caso particular da arquitectura por objecto. Também o texto de João Ricardo Oliveira Duarte, pesquisador da Universidade Nova de Lisboa, se inscreve nesta questão da relação da memória com a arte e, no caso específico, a fotografia, analisando a obra de Boris Mikhailov e o modo como a memória se inscreve no corpo humano, no olhar e no rosto, registrando, através de imagens fortes e alegóricas, a devastação do tempo e da memória. Ainda no âmbito do horizonte de perda e de ruína da experiência, deparamo-nos com o texto de Miguel Santos Vieira, que parte da análise da obra de Georg Trakl para abordar a questão da memória na obra dilacerada do poeta. Poderemos, ainda, situar o texto de Tereza de Castro Callado nessa linha, que se estabelece entre o pensamento benjaminiano da memória e a questão do *Trauerspiel*, em que o teatro barroco alemão se constitui como o palco arruinado da história, apresentando a ideia da história como catástrofe e ruína. Para finalizar, o texto de Danilo Linard, "Memória(s) e identidade(s) na comemoração de uma efeméride: a abolição da escravatura na ótica de Augusto dos Anjos", reflecte sobre o modo como perdura, na literatura, a memória colectiva de um período da história e que se apresenta na obra literária de Augusto dos Anjos.

Para todos os presentes neste volume, quero deixar o meu agradecimento, bem como aos meus colegas brasileiros que me deram todas as condições para efectuar um trabalho que considero ser pertinente e contribuir para uma linha de pesquisa importante e que se assenta essencialmente na interdisciplinaridade e na abertura do diálogo entre as várias disciplinas. Salientando, ainda, a ideias de que o "dente" da memória continua e continuará a ser, no pensamento contemporâneo, uma das áreas mais férteis, sob todos os pontos de vista. Que se assinale aqui o nosso traço colectivo de uma belíssima colaboração luso-brasileira e que esperamos ver continuada no futuro.

Maria João Cantinho
Creative University of Lisbon